

A close-up, high-contrast portrait of a man with a thick, grey and brown beard and mustache. He has light blue eyes and is looking slightly to the left. The background is dark, making his face the central focus.

RELÓGIO D'ÁGUA

A MINHA LUTA:4

DANÇA
NO ESCURO
KARL OVE
KNAUSGÅRD

Dança no Escuro

A Minha Luta: 4

Relógio D'Água Editores
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15
1000-282 Lisboa
tel.: 218 474 450
fax: 218 470 775
relogiodagua@relogiodagua.pt
www.relogiodagua.pt

© 2010, Karl Ove Knausgård & Forlaget Oktober as, Oslo
All rights reserved

Título: Dança no Escuro — A Minha Luta: 4
Título original: *Min Kamp. Fjerde Bok* (2010)
Autor: Karl Ove Knausgård
Tradução: Miguel Serras Pereira

Esta obra foi traduzida a partir da edição inglesa de Don Bartlett,
My Struggle: 4 — Dancing in the Dark, publicada em 2015.
Copyright da tradução inglesa © Don Bartlett, 2015

Revisão de texto: Anabela Prates Carvalho
Capa: Carlos César Vasconcelos (www.cvasconcelos.com) sobre fotografia do autor
por André Løyning

© Relógio D'Água Editores, Outubro de 2016

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro da NORLA.

Encomende os seus livros em:
www.relogiodagua.pt

ISBN 978-989-641-652-2

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.
Depósito Legal n.º: 416220/16

Karl Ove Knausgård

Dança no Escuro

A Minha Luta: 4

Tradução de
Miguel Serras Pereira

Ficções

No dia seguinte, não saí, fiquei a escrever e a ver lá fora as pessoas que apareciam e tornavam a desaparecer descendo a colina. Andava de um lado para o outro do apartamento, perguntando-me uma e outra vez o que faria quando as aulas começassem na terça-feira que vinha, ensaiando mentalmente, uma versão atrás de outra, as minhas primeiras palavras, enquanto reflectia sobre que estratégia adoptar perante os meus alunos. Antes de tudo o mais, teria de saber qual o seu nível. Talvez devesse pô-los a fazer provas de todas as matérias e planear depois as minhas aulas de acordo com os resultados. Ou talvez não: fazer provas poderia ser demasiado duro, demasiado autoritário, demasiado antiquado.

E que tal passar-lhes alguns exercícios que pudessem fazer em casa?

Não. O tempo de cada aula era já tão comprido que seria preferível pô-los a fazer os exercícios na escola. Poderia trabalhar nisso no dia seguinte.

Fui para o quarto e deitei-me na cama, acabei de ler os dois livros que comprara e, logo a seguir, comecei a ler os artigos da revista literária que trouxera de Oslo, embora não compreendesse muita coisa. A maior parte do seu vocabulário era-me familiar, mas o que os artigos descreviam parecia exceder a todo o momento o meu alcance, como se falassem de um mundo desconhecido que a linguagem do velho mundo não estava em condições de abordar. Mas, daquelas páginas, sobressaíam com mais força do que tudo o resto as referências a um certo livro, *Ulisses*, cujas singularidades me pareciam fantásticas. Eu imaginava-o como uma enorme torre cintilante de humidade, rodeada de bruma e banhada pela luz ténue e pálida de um Sol que as nuvens toldavam. O livro era considerado a obra mais importante do modernismo, termo que evocava para mim automóveis de corrida baixos e rápidos, aviadores com bonés de couro e blusões de pele, zepelins pairando sobre os arranha-céus de metrópoles brilhantes mas sombrias, computadores, música electrónica. Nomes como Hermann Broch, Robert Musil, Arnold Schönberg. E tinha a impressão de que, dentro desse mundo, se encontravam assimilados elementos de culturas anteriores e há muito desaparecidas, como no caso do Virgílio de Broch ou do Ulisses de Joyce.

Na véspera, quando estivera na loja, não me lembrara de que o dia seguinte era domingo e, por isso, quando bateram à porta, estava a comer fatias de pão barradas com pasta de fígado e maionese. Limpei a boca com as costas da mão e fui abrir.

Eram duas raparigas. Reconheci no mesmo instante uma delas. Era a que vira, no autocarro que me trouxera até à aldeia, sentada no banco do outro lado do meu.

Ela sorriu.

— Olá! — disse ela. — Lembras-te de mim?

— Claro que lembro — disse eu. — Vi-te no autocarro.

A rapariga riu.

— E tu és o novo professor que veio para Håfjord! Imaginei que eras quando te vi, mas não tinha a certeza. Depois, na festa de ontem à noite, houve alguém que me disse que eras tu.

Estendeu-me a mão.

— Chamo-me Irene — disse ela.

— Karl Ove — disse eu com um sorriso.

— Esta é a Hilde — disse ela, indicando-me a outra rapariga, e eu apertei-lhe a mão. — Somos primas — disse Irene. — Vim hoje fazer-lhe uma visita. Mas a verdade é que a visita foi só uma desculpa para cá vir dizer-te olá. — Riu-se. — Não, não foi. Só estava a brincar.

— Não querem entrar? — disse eu.

Entreolharam-se as duas.

— Com muito gosto — disse Irene.

Trazia vestidos um par de *jeans*, um blusão de ganga azul e, por baixo do blusão, uma blusa branca com enfeites de renda. Era uma rapariga encorpada, com os seios volumosos debaixo da blusa e as ancas largas. Tinha o cabelo louro, caído sobre os ombros, a pele pálida e sardas de um lado e de outro do nariz. Os olhos eram grandes, azuis e trocistas. Atrás dela no corredor, enquanto respirava o cheiro também encorpado do seu perfume e ela me entregava o blusão — porque não havia cabide na entrada — e me interrogava brevemente com os olhos, voltei a entesar-me.

— Podes dar-me também o teu, já agora — disse eu, dirigindo-me a Hilde, que estava longe de ter a mesma presença que a sua prima e me passou o casaco com um sorriso tímido e envergonhado. Pus os casacos nas costas da cadeira da minha secretária e enfiei a mão no bolso das calças, tentando evitar que a minha erecção se notasse. As duas raparigas, vagamente hesitantes, entraram na sala.

— As minhas coisas ainda não chegaram — disse eu. — Mas já não devem demorar.

— Sim, o apartamento está um bocado sem jeito — disse Irene com um sorriso.

Sentaram-se no sofá, fechando bem os joelhos. Sentei-me numa cadeira diante delas, com as pernas cruzadas para esconder a erecção, que não diminuiria, entretanto. Irene estava sentada a não mais de um metro de mim.

— Que idade tens? — perguntou ela.

— Dezoito anos — disse eu. — E tu?

— Dezasseis — disse Irene.

— Dezassete — disse Hilde.

— Portanto, acabas de sair do *gymnas*? — disse Irene.

Fiz que sim com a cabeça.

— Estou no segundo ano — disse Irene. — No *gymnas* de Finnsnes. A escola tem um internato. E arranjei lá um quarto. Podes ir lá visitar-me, se quiseres. Há-de ir de vez em quando a Finnsnes, tenho a certeza.

— Sim, com muito gosto.

Os nossos olhos encontraram-se.

Ela sorriu. Eu devolvi-lhe o sorriso.

— Estou lá, mas a minha terra é Hellevika. A aldeia a seguir a esta. Do outro lado dos montes. A poucos quilómetros daqui. Tens carta de condução?

— Não — disse eu.

— É pena — disse ela.

Fez-se um momento de silêncio. Levantei-me, fui buscar um cinzeiro e o meu pacote de tabaco e enrolei um cigarro.

— Posso pedir-te um? — disse ela. — Tenho os meus no bolso do blusão.

Lancei o pacote na direcção dela.

— Tive de me rir no autocarro quando vínhamos para cá — disse ela, enquanto começava a enrolar o cigarro. — Parecia que querias sair pela janela.

Riram-se as duas. Irene passou a língua pela mortalha, premiu o papel servindo-se dos indicadores e dos polegares, pôs o cigarro na boca e acendeu-o.

— É que a paisagem era um espanto — disse eu. — Não fazia a mínima ideia de que aqui as coisas fossem assim. Para mim, Håfjord não passava de um nome. Para dizer a verdade, nem isso.

— Então, porque é que concorreste para aqui?

Encolhi os ombros.

— No centro de emprego, deram-me uma lista de nomes e eu escolhi este.

Ouviram-se os passos de alguém no piso de cima.

Olhámos os três para o tecto.

— Já conheces a Torill? — disse Irene.

— Sim, mas só de passagem — disse eu. — Vocês conhecem-na?

— Claro que conhecemos. Aqui, toda a gente se conhece. Quer dizer, toda a gente se conhece em Hellevika e Håfjord.

— E em Fugleøya — disse Hilde.

Silêncio.

— Querem uma chávena de café? — perguntei-lhes eu, começando a levantar-me da cadeira.

Irene sacudiu a cabeça. — Não, acho que temos de ir andando. O que é que achas, Hilde?

— Sim, também acho — disse a prima de Irene.

Pusemo-nos de pé, fui buscar os casacos delas à cadeira, aproximei-me de Irene mais do que o estritamente necessário e estendi-lhe o casaco.

Transtornado pelas suas ancas, cingidas pelos *jeans* muto justos, pelas suas coxas e as suas pernas e os seus pés surpreendentemente pequenos, pelo seu colo e os seus grandes seios, pelo seu nariz curto e os seus olhos azuis, ao mesmo tempo inocentes e atrevidos, deixei que ela e Hilde saíssem e fechei a porta. A visita durara dez minutos, ou talvez quinze.

Estava a caminho da cozinha para fazer café quando alguém bateu de novo à porta.

Era ela e, agora, só.

— Há uma festa em Hellevika no fim-de-semana que vem — disse Irene. — Era o que queria dizer-te quando te batemos à porta, há bocadinho. Não queres ir? É uma boa maneira de conheceres algumas pessoas das redondezas.

— Claro que quero — disse eu. — Se puder ir, vou.

— Se? — disse ela. — Só tens de arranjar lugar no carro de alguém. Daqui, vai toda a gente. Vemo-nos lá!

Piscou-me o olho. Depois, deu meia-volta e começou a descer a encosta para ir ter com Hilde, que a esperava esgaravataando na berma com a ponta do sapato.

Na manhã seguinte, alguns minutos depois das oito, saí de casa pela primeira vez em mais de vinte e quatro horas. O Sol, que subia por cima dos cumes a leste, brilhava directamente na porta de minha casa e, ao fechá-la atrás de mim, senti envolver-me o rosto um ar ameno e estival. Mas, poucos metros mais adiante, a paisagem estava ainda coberta pela sombra dos montes, o ar estava mais frio e eu tinha a impressão curiosamente animadora de o sentir como que sulcado por correntes e torvelinhos, rápidos e cascatas. À minha frente, numa espécie de pequeno planalto, estava a escola e, embora a perspectiva de entrar no edifício não fosse propriamente aterradora, eu experimentava um certo nervosismo, que bastava para me aperceber de pequenos e breves sobressaltos íntimos à medida que me ia aproximando.

Era uma escola como outra qualquer, uma construção sobre o comprido e de um só piso, ligada, por um corredor que era uma espécie de túnel, a outro edifício maior, mais recente e mais alto, que albergava uma sala de trabalhos manuais, um ginásio e uma piscina coberta. Entre os dois edifícios, ficava o pátio de recreio, que se prolongava para a parte de trás da escola, onde fora construído um campo de futebol com as medidas regulamentares. Num terreno mais elevado, dando sobre o campo de futebol, como que em lugar de honra, via-se o que eu adivi-nhei ser a associação local.

Havia dois automóveis estacionados à entrada. Um grande jipe branco e um *Citroën* preto e achatado. O Sol brilhava, batendo nas janelas alinhadas da escola. A porta estava aberta. Entrei no átrio, o sol, que entrava em longos raios luminosos pelos painéis de vidro da porta, fazia parecer quase branco o linóleo amarelo que cobria o chão. Dobrei uma esquina, havia três portas do lado direito, duas do lado esquerdo e, ao fundo, o corredor dava acesso a um grande espaço polivalente. Vi um homem que se deteve e olhou para mim. Tinha uma barba abundante e era calvo. Devia ter pouco mais de trinta anos.

— Olá! — disse ele.

— Olá — disse eu.

— Você deve ser... o Karl Ove?

— Sim, sou eu — disse, parando diante dele.

— Sture — disse o homem.

Apertámo-nos as mãos.

— Foi por simples palpite que disse que você devia ser o Karl Ove — disse ele, sorrindo. — Mas não se parece nada com o Nils Erik.

— O Nils Erik? — disse eu.

— Sim, este ano temos dois professores do Sul. Você e o Nils Erik.

Os outros professores provisórios são de cá e eu conheço-os.

— Também é de cá?

— Claro que sou!

Olhou-me bem nos olhos durante uns segundos. Achei aquilo desagradável, sem saber o que queria dizer aquele olhar, talvez fosse uma espécie de prova, mas não quis ser o primeiro a desviar os olhos e sustentei-lhe o olhar.

— Você é muito novo — disse ele por fim e virou os olhos para a porta ao pé da qual paráramos. — Mas já sabíamos disso, é claro. Há-de correr tudo bem! Vamos lá, venha conhecer os outros.

Indicou-me a porta, estendendo o braço. Abri-a e entrei. Era a sala dos professores. Uma *kitchenette*, cadeiras de braços e um sofá, um pequeno anexo cheio de papéis e com uma fotocopiadora e uma divisão rectangular contígua com mesas de trabalho de um lado e de outro.

— Olá! — disse eu.

Havia seis pessoas sentadas à volta da mesa. E todas elas viraram os olhos para mim.

Acenaram com a cabeça e devolveram-me o *Olá!* em surdina. Vindo da *kitchenette*, apareceu um homem robusto e enérgico com uma barba ruiva.

— Karl Ove? — Sorriu-me com uma expressão radiosa. A seguir, depois de eu lhe ter confirmado quem era e de nos termos apertado as mãos, dirigiu-se aos outros.

— Este é o Karl Ove Knausgård, o jovem que fez toda a viagem de Kristiansand até aqui, para trabalhar connosco! — E anunciou-me os nomes dos que estavam sentados à volta da mesa, nomes que eu já esquecera no instante seguinte. Tinham todos eles uma chávena de café na mão ou poisada na mesa à sua frente, e todos eles eram jovens, à excepção de uma senhora mais velha. Teriam vinte e poucos anos, ou era pelo menos isso que parecia.

— Sente-se, Karl Ove. Um café?

— Sim, por favor — disse eu e entalei-me num extremo do sofá.

Durante umas quantas horas seguintes, o director da escola, que se chamava Richard e estava perto dos quarenta anos, falou-nos, aos dois professores provisórios, de diversos aspectos da escola. Mostraram-nos as salas de aula, deram-nos as chaves, atribuíram a cada um de nós a sua mesa de trabalho, depois do que nos ocupámos de analisar os nossos horários e tarefas de rotina. A escola era pequena e tinha poucos alunos, o que fazia com que muitas aulas acabassem por reunir várias turmas. Torill seria a directora do primeiro e segundo anos; Hege do terceiro e do quarto; eu do quinto, sexto e sétimo, e Sture do oitavo e do nono. Não conseguia imaginar por que razão me tinham sido atribuídas precisamente a mim essas direcções de turma e sentia-me um pouco incomodado, em parte também porque o outro professor provisório que vinha do Sul, Nils Erik, era bastante mais velho do que eu, com os seus vinte e quatro anos, e tencionava iniciar a profissionalização como professor no ano seguinte. Para ele, a direcção de turma era um assunto importante, tinha que ver com o seu futuro, mas eu não tinha a mais pequena intenção de continuar na carreira docente, ser professor era a última coisa que queria neste mundo. Quanto aos restantes professores provisórios, eram da região, conheciam os costumes e tinham decerto muito mais aptidões do que eu para semelhantes funções. Era provável que o director da escola tivesse baseado a sua escolha na minha candidatura, o que me fazia sentir bastante mal, uma vez que a redigira exagerando muito as minhas capacidades.

O director mostrou-nos onde poderíamos encontrar os programas e falou-nos dos diferentes meios técnicos ao nosso dispor. Por volta da uma da tarde, quando acabámos, fui ao posto dos correios, que ficava no outro extremo da aldeia, abri um apartado postal, enviei algumas cartas, comprei comida na loja, voltei para casa, preparei qualquer coi-

sa para comer, estive deitado na cama cerca de uma hora a ouvir música e anotei em algumas palavras-chave as ideias que tinha para as aulas — mas acabaram por me parecer bastante fracas, demasiado óbvias, pelo que amarrotei e deitei fora os papéis que escrevera.

Tinha tudo sob controlo, tudo.

Antes do fim do dia, voltei à escola. Era uma sensação estranha abrir com a chave a porta do edifício principal e atravessar depois os seus corredores. Tudo estava vazio e silencioso, banhado pela luz já cinzenta que se derramava pelas janelas. Todas as prateleiras e armários estavam vazios, as salas de aula como que abandonadas.

Na sala dos professores, havia um telefone no interior de uma espécie de cubículo, servi-me dele e liguei para a minha mãe, que tivera também naquele dia o seu primeiro dia de escola. Estava ocupada a desembalar e arrumar as coisas na casa para onde se mudara — uma casa entre as outras de uma fileira de construções pegadas fora do centro da cidade, em Fjørde. Falei-lhe um pouco do lugar onde me encontrava agora e do nervosismo com que antecipava as aulas que começaria a dar no dia seguinte. Ela disse-me que sabia que eu me sairia bem e, embora a sua convicção pessoal não me resolvesse o problema, ajudou-me, apesar de tudo, uma vez que, bem vistas as coisas, ela era minha mãe.

Quando terminei a chamada, fui ao compartimento onde estava a fotocopiadora e tirei dez cópias do conto que escrevera. A minha ideia era enviá-lo a algumas pessoas que conhecia no dia seguinte. A seguir, deambulei por todas as instalações da escola. No ginásio, abri a porta da pequena arrecadação de onde tirei uma bola e dei uns quantos pontapés na direcção da baliza de andebol no outro extremo do ginásio. Desliguei as luzes e entrei no recinto da piscina cheia de uma água escura e quieta. Estive na sala de Trabalhos Manuais e na de Ciências Naturais. Das janelas, via-se a aldeia lá em baixo, entre as montanhas: uma série de casas de várias cores que pareciam vibrar e, um pouco mais longe, começava o mar, o mar sem fim, do qual o céu subia, na distância, cheio de nuvens alongadas que pareciam de fumo.

Na manhã seguinte chegariam os alunos e, então, tudo começaria realmente.

Apaguei as luzes atrás de mim, fechei a porta com a chave e desci a colina com o grande porta-chaves a tilintar na minha mão.

De manhã, quando acordei, o meu nervosismo era tal que quase me fez vomitar. Uma chávena de café foi tudo o que consegui engolir.

Cheguei à escola meia hora antes do começo da primeira aula, sentei-me no meu lugar e folheei alguns dos livros que iria usar. Entre os outros professores, que andavam de um lado para o outro, num vaivém entre o cubículo da fotocopiadora, as salas de aula, a *kitchenette* e a pequena sala de estar com as suas cadeiras e sofá, reinava uma atmosfera despreocupada e alegre. Pelas janelas, viam-se os alunos a caminho da escola, subindo a encosta. Pesava-me no peito um sentimento de terror. O coração batia-me, como que estrangulado. Via as letras da página que tinha à minha frente, mas não compreendia o que queriam dizer. Passado um momento, levantei-me e fui à *kitchenette* servir-me de uma chávena de café. Ao voltar-me, os meus olhos deram com os de Nils Erik. Ele parecia descontraído, recostado no sofá, com as pernas afastadas uma da outra.

— Não tens aula na primeira hora, pois não? — disse eu.

Ele confirmou com um aceno. Tinha uma face ligeiramente rosada. O seu cabelo preto tinha um remoinho indomável como o de Geir, o meu melhor amigo de outrora. Os olhos eram azul-claros.

— Estou com uns nervos danados — disse eu, sentando-me numa cadeira de braços diante do sofá.

— Mas estás com nervos porquê? — disse ele. — Sabes que só há cinco ou seis alunos por turma, não sabes?

— Sim, eu sei — disse eu. — Mas mesmo assim...

Ele sorriu.

— Queres trocar comigo? Eles não sabem qual de nós é qual. Eu faço de Karl Ove e tu de Nils Erik.

— Podia ser — disse eu. — Mas como é que fazíamos quanto tivéssemos de voltar a trocar?

— Voltar a trocar? Porque é que havíamos de ter de voltar a trocar?

— Bem visto, tens razão — disse eu, deitando um olhar de relance à janela. Viam-se grupos de alunos lá fora. Outros corriam de um lado para o outro. No meio deles, viam-se também algumas mães, acompanhando os filhos festivamente vestidos.

Era evidente. Havia alunos que ali vinham pela primeira vez. Era o primeiro dia de escola.

— Portanto, de onde é que eu sou? — disse eu.

— De Hokksund — disse ele. — E eu?

— De Kristiansand.

— Bela terra! — disse ele.

Fiz que não com a cabeça.

— Isso não, estás enganado.

Ele olhou-me com um brilho nos olhos.

— Pode ser que seja o que pensas *agora* — disse ele. — Mas espera uns anos e verás.

— O que é que verei daqui a uns anos? — disse eu.

Nesse momento, a campainha tocou.

— Daqui a uns anos, hás-de lembrar-te da cidade da tua infância como de um paraíso — disse ele.

Que diabo sabes tu disso?, pensei de mim para mim, mas não respondi. Limitei-me a levantar-me, peguei na chávena de café com uma mão e nos livros com a outra, e dirigi-me para a porta.

— Boa sorte! — disse a voz dele nas minhas costas.

Havia cinco alunos na turma do sétimo. Quatro raparigas e um rapaz. Eu seria responsável, além disso, pelos três que andavam no quinto e no sexto. Ao todo, portanto, oito alunos.

Quando parei diante da mesa do professor onde poisei as minhas coisas, estavam os cinco a olhar para mim. Tinha as palmas das mãos suadas, sentia o coração martelar-me no peito e tremia ao respirar.

— Olá — disse eu. — Chamo-me Karl Ove Knausgård, venho de Kristiansand e vou ser vosso director de turma este ano. Pensei que podíamos começar por fazer a chamada. Não acham? Tenho aqui os vossos nomes, mas é claro que ainda não sei quem é quem.

Enquanto eu falava, eles olhavam-se de esguelha e duas das raparigas riam entre dentes. A atenção com que me observavam não era perigosa, apercebi-me disso imediatamente — era infantil. Não passavam de crianças.

Peguei na folha com os nomes dos alunos. Olhei para a lista e olhei para eles.

Reconheci a rapariga que vira na loja. Mas a que causava uma impressão mais forte era uma outra, ruiva, com um par de óculos escuros. Notei nela uma atitude céptica. Os outros não se mostravam minimamente hostis.

— Andrea? — disse eu.

— Sou eu — disse a rapariga da loja. Falou com os olhos baixos, mas, logo a seguir, olhou para mim.

Sorri-lhe para a tranquilizar.

— Vivian?

A rapariga sentada ao lado dela deixou escapar um risinho abafado.

— Sou eu! — disse ela.

— Hildegunn?

— Sim — disse a rapariga dos óculos.

— Kai Roald?

Era o único rapaz do sétimo ano. Trazia vestidos um par de *jeans* e um blusão de ganga e estava a brincar com uma esferográfica.

— Presente — disse ele.

— Live? — disse eu.

Uma rapariga com o cabelo comprido, rosto redondo e óculos sorriu-me.

— Sou eu — disse ela.

Seguiam-se os nomes do rapaz e da rapariga do sexto e o da rapariga do quinto.

Poisei a folha de papel e sentei-me atrás da mesa.

— Como talvez já saibam, vou dar-vos Língua Norueguesa, Matemática, Religião e Ciências Naturais. Vocês têm-se saído bem, não é verdade?

— Nem por isso — disse a ruiva dos óculos. — Temos tido sempre professores provisórios, que vêm do Sul e não ficam cá mais de um ano.

Sorri. Ela, não.

— Quais são as vossas disciplinas preferidas?

Eles olharam uns para os outros. Ninguém parecia interessado em responder.

— Quais são as tuas, Kai Roald?

O rapaz contorceu-se. Um ligeiro rubor tingiu-lhe o rosto.

— Não sei. Talvez Trabalhos Manuais. E Ginástica. Mas, Língua Norueguesa, isso é que não!

— E tu? — perguntei, dirigindo-me à rapariga da loja e olhando para o meu papel. — Andrea?

A rapariga tinha uma perna traçada por cima da outra debaixo da carteira e estava inclinada para diante a desenhar qualquer coisa numa folha.

— Eu não tenho nenhuma disciplina preferida — disse ela.

— Então, gostas igualmente de todas, ou não gostas de nenhuma? — disse eu.

Levantou a cabeça e olhou para mim. Assomou-lhe nos olhos um pequeno brilho.

— Não gosto de nenhuma! — disse ela.

— Todos vocês acham o mesmo? — disse eu.

— Sim! — disseram todos eles.

— Muito bem — disse eu. — Mas vamos ter de passar aqui umas horas, quer gostem, quer não. Por isso, mais vale tentarmos que tudo corra da melhor maneira possível. Não concordam?

Não houve resposta.

— Como não sei absolutamente *nada* de vocês, pensei que podia aproveitar as primeiras aulas para vos conhecer melhor e planejar depois o que vamos fazer.

Levantei-me e tomei um gole de café, limpando a seguir a boca com as costas da mão. Algures, do outro lado do espaço polivalente do edifício, alguém começara a cantar. Era uma voz alta e límpida, que só podia ser de Hege, e à qual se juntaram algumas outras vozes ainda muito infantis.

Eram os do primeiro ano!

— Portanto, proponho que comecemos por fazer um exercício — continuei. — Cada um de vocês escreve uma página sobre si próprio. Uma apresentação.

— Oh, não! Vamos ter de escrever? — disse Kai Roald.

— O que é uma apresentação? — perguntou Vivian.

Olhei para ela. A linha do seu queixo mal chegava a ser curva, o que lhe dava ao rosto uma forma quase rectangular, mas nem por isso dura. Tinha qualquer coisa de infantil e delicado que a fazia parecer um cachorrinho. Quando sorria, os seus olhos azuis quase desapareciam, e, pelo que pude verificar, acontecia-lhe sorrir muitas vezes.

— Quer dizer descrever como és — disse eu. — Imagina que tens de explicar como és a alguém que não te conhece. O que é que começavas por dizer?

A rapariga mudou de posição na cadeira, juntando os joelhos e separando os pés.

— Que tenho treze anos, talvez? E que estou no sétimo ano da escola de Håfjord...

— Sim, muito bem — disse eu. — E talvez que és uma rapariga.

Ela riu ligeiramente. — Sim, também tinha de dizer isso.

— Muito bem, então. Cada um de vocês escreve uma página sobre si próprio. Ou mais do que uma página, se quiser.

— E vai ler em voz alta o que nós escrevermos? — disse Hildegunn.

— Não — disse eu.

— E onde é que escrevemos? — disse Kai Roald.

Bati com a mão na testa.

— Tens razão! Ainda não vos dei os cadernos!

Eles riram-se, eram crianças, aquilo era o tipo de coisa a que achavam graça. Corri até à sala dos professores, voltei trazendo os cadernos, distribuí-os por eles, que, no momento seguinte, estavam já todos a escrever, enquanto eu olhava pela janela os cumes dos montes que

pareciam *erichar-se* do outro lado do fiorde, frios e negros, em direcção a um céu luminoso e leve.

Quando a campainha tocou, recolhi os meus papéis com o corpo tomado de uma sensação exuberante, quase de júbilo. Correria bem. Nada tinha a temer. E depois de doze anos de escolaridade ininterrupta, o momento seguinte — abrir a porta e entrar na sala dos professores — causava-me particular prazer: atravessara a linha, estava já do outro lado, adulto e responsável pela direcção da minha própria turma.

Poisei os meus cadernos e papéis no meu lugar, em cima da mesa, enchi uma chávena de café, sentei-me no sofá e fiquei a observar os outros professores. Estava nos bastidores, reflecti, mas essa ideia, de início maravilhosa, foi logo a seguir substituída pela sua antítese, porque não era isso que eu queria, meu Deus, ser *professor* — haveria coisa mais triste? Estar nos bastidores para mim significava bandas de música, mulheres, copos, viagens, fama.

Mas também não era isso que queria. Isso não passava de uma etapa do meu caminho.

Bebi um gole de café e olhei para a porta que se abria. Era Nils Erik.

— Então, que tal? — disse ele.

— Correu bem — disse eu. — Não teve nada de assustador, realmente.

Atrás dele, apareceu a mulher que se chamava Hege.

— São uns *amores* — disse ela. — Que miúdos encantadores!

— Karl Ove? — faz-se ouvir uma voz vinda da *kitchenette*. Voltei a cabeça e vi Sture com uma chávena na mão, a olhar para mim.

— Jogas futebol, não jogas?

— Jogo — disse eu. — Mas não sou grande coisa. Joguei na quinta divisão há duas épocas.

— Temos uma equipa local — disse ele. — O treinador sou eu. Estamos na sétima divisão e, portanto, não será difícil para ti juntares-te a nós, suponho. Não queres?

— Claro que sim — disse eu.

— O Tor Einar nunca falta. Não é verdade, Tor Einar? — disse ele, espreitando pela porta para a sala de trabalho.

— Estás outra vez a dizer disparates a meu respeito? — disse uma voz do lado de dentro da porta.

— O Tor Einar jogou na quarta divisão de juniores — disse Sture.

— Infelizmente não tem outras aptidões.

— Pelo menos, não perdi o meu cabelo — disse Tor Einar, aproximando-se de nós. — Por isso, não preciso de deixar crescer a barba para manter a minha dignidade viril, ao contrário de outras pessoas minhas conhecidas.

Tor Einar viera de Finnsnes, tinha uma pele pálida e sardas, cabelo arruivado e rijo e um constante sorriso irónico nos lábios. Os seus movimentos eram lentos e laboriosos, quase demonstrativos, como se estivesse desse modo a tentar dizer: “Aqui está alguém que faz tudo ao seu próprio ritmo e que não se preocupa seja com quem for mais.”

— Onde é que jogas, então? — disse ele.

— Sou médio — disse eu. — E tu?

— Avançado-central, marcador — disse, com uma piscadela de olho.

— Ah, um *terrier* ao ataque — disse eu. — A mim, quando jogava, chamavam-me, o alce. Não preciso de dizer mais...

Ele riu-se.

— Alce, porquê? — disse Hege.

— Pela minha maneira de correr — disse eu. — Pelo meu passo largo e instável, sem mudança de ritmo.

— Mas há outras metáforas animais no campo de futebol? — disse ela.

— Há, não há? — disse eu, olhando para Tor Einar.

— Sim, temos o atacante que é forte como um touro e marra a bola para a baliza.

— E também o gato — disse eu. — Há montes de guarda-redes que são gatos. E, às vezes, também há um armador.

— O que é isso?

— Um jogador que sabe sempre onde estão os outros e consegue sempre passar-lhes a bola no melhor momento.

— É tão incrivelmente infantil! — disse Hege.

— Há, depois, o *libero* — disse Tor Einar.

— E à frente há muitas vezes uma parelha ofensiva. Além do lobo solitário, evidentemente.

— Estás a esquecer-te do árbitro — disse Nils Erik. — O árbitro é um empata.

— E vocês metem-se nisso por gosto — disse Hege.

— Eu, não — disse Nils Erik.

— Mas vocês os dois, sim — disse ela, olhando-me.

A campainha tocou. Levantei-me e peguei nos meus cadernos para a aula seguinte. Sture pôs-me a mão no ombro.

— Agora vais dar aula à minha turma, não é? — disse ele.

Fiz que sim com a cabeça.

— Aula de Inglês.

— Atenção a um rapaz chamado Stian. Ele é capaz de tentar picar-te.

Mas não te preocupes, porque tudo há-de correr bem. Entendido?

Encolhi os ombros.

— Espero que sim.

— Arranja maneira de o deixar sem saída. Assim, não haverá problemas.

— Entendido — disse eu.